

|

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
CAMPUS SÃO BORJA/RS

GUILHERME KRAUSE RIGHI

O declínio do patriarcado e as Consequências nas relações familiares no século XXI .

SÃO BORJA

2021

GUILHERME KRAUSE RIGHI

O DECLÍNIO DO PATRIARCADO E AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES  
FAMILIARES NO SÉCULO XXI

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja/RS  
como requisito para o recebimento de Especialista em  
Políticas de Atenção a Crianças e Adolescentes em  
Situação de Violência.

Orientador: Prof. Dr Walter Cruz

SÃO BORJA

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)  
através do Módulo de Biblioteca do

Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R571d Righi, Guilherme Krause

O declínio do patriarcado e as Consequências nas relações  
familiares no século XXI / Guilherme Krause Righi.

28 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização)--  
Universidade Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS  
DE ATENÇÃO À CRIANÇA E ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA,  
2021.

"Orientação: Walter Cruz".

1. Declínio do Patriarcado. 2. Fragilização Parental. 3.  
Tirania Infantil. I. Título.

**GUILHERME KRAUSE RIGHI**

**O DECLÍNIO DO PATRIARCADO E AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES FAMILIARES NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Políticas de Atenção à Criança e Adolescente em Situação de Violência da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Políticas de Atenção à Criança e Adolescente em Situação de Violência.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovada em: 23 de agosto de 2021.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Walter Firmo de Oliveira Cruz  
Orientador  
(Unipampa)

---

Prof. Dr. Jorge Alexandre da Silva  
(Unipampa)

---

Prof. Dr. José Wesley Ferreira  
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **WALTER FIRMO DE OLIVEIRA CRUZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/08/2021, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JOSÉ WESLEY FERREIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/08/2021, às 19:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JORGE ALEXANDRE DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 03/09/2021, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0590701** e o código CRC **7BDACDE8**.

“Se há um fim absoluto, será esse o que estamos procurando; e se há mais de um, o mais absoluto de todos será o que estamos buscando” (ARISTÓTELES, 2010, p.25).

## RESUMO

Este trabalho tem como tema de pesquisa o declínio do patriarcado e as consequências nas relações familiares do século XXI, e como objetivo geral investigar a influência do declínio do patriarcado na sociedade atual e suas consequências. De forma mais específica investigar o processo histórico e cultural como vem acontecendo o declínio do patriarcado e analisar as consequências nas relações familiares no século XXI resultantes deste processo. Para isso realizou-se uma pesquisa com finalidade básica sobre o tema em questão utilizando a abordagem qualitativa e pôr fim o método hipotético dedutivo com procedimento bibliográfico e documental. Como resultados desta pesquisa foi identificado que a sociedade passa por crises muito importantes e que a fragilização parental e a tirania Infantil estão intimamente ligadas ao declínio do patriarcado pelo fato desse processo histórico e cultural em destaque, ter passado por uma mudança de sociabilidade familiar regida pelas tradições familiares para uma sociabilidade regida pelas leis constitucionalmente aplicadas, impulsionando uma rápida transformação e estabelecendo a família no formato denominado de pluralista e tal fato nos levam a crer que tais mudanças no modelo de família estão gerando incertezas assim como quebras de paradigmas. Com tal fenômeno alguns termos passam a existir e coloca-se aqui primeiramente direcionando para a questão da fragilização parental , “parentalidade envergonhada” e “crise de autoridade de pais e professores” e como consequência disto termos referentes a tirania infantil como: “Filhocentrismo”, “sua majestade” e “Síndrome do imperador”.

Palavras chave: Declínio patriarcal. Fragilização parental. Tirania Infantil.

## ABSTRACT

This work has as its research theme the decline of patriarchy and the consequences on family relationships in the 21st century, and its general objective is to investigate the influence of the decline of patriarchy in today's society and its consequences. More specifically, investigate the historical and cultural process as the decline of patriarchy has been taking place and analyze the consequences on family relationships in the 21st century resulting from this process. For this, a research with basic purpose on the subject in question was carried out using the qualitative approach and putting an end to the hypothetical deductive method with bibliographic and documentary procedure. As a result of this research, it was identified that society is going through very important crises and that parental frailty and child tyranny are closely linked to the decline of patriarchy due to the fact that this highlighted historical and cultural process has gone through a change in family sociability governed by family traditions for a sociability governed by constitutionally applied laws, driving a rapid transformation and establishing the family in the so-called pluralist format, and this fact leads us to believe that such changes in the family model are generating uncertainties as well as paradigm shifts. With such a phenomenon, some terms come into existence and are placed here, firstly, directing to the issue of parental frailty, "embarrassed parenting" and "authority crisis of parents and teachers" and as a consequence of this terms referring to child tyranny such as: "Filhocentrism" , "His Majesty" and. "Emperor's Syndrome".

Keywords: Patriarchal decline. Parental frailty. Child Tyranny.

## SUMÁRIO

<b>1- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2- REVISÃO TEÓRICA.....</b>	<b>09</b>
2.1 - Processo histórico cultural da família patriarcal.....	10
2.2. Possíveis consequências do declínio do patriarcado.....	17
2.2.1 Fragilização das funções parentais.....	17
2.2.2 Tirania infantil.....	21
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>26</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa versa sobre a estrutura familiar na atualidade, a partir dos efeitos do declínio do patriarcado e as possíveis consequências que a sociedade vivencia hoje derivadas do tema principal.

Esta pesquisa tem como público alvo as famílias de um modo geral, independente do seu formato, escolas e principalmente crianças e adolescentes.

Apesar de alguns autores defenderem que as famílias inventaram outros papéis familiares na cotidianidade de suas experiências, e com isso se manifestam que o discurso patriarcal normativo ainda existe diante da criativa e subversiva capacidade de resistência humana a prescrições impostas, em especial a resistência das mulheres à opressão patriarcal que lhes tem sido imposta há séculos (Narvaz e Koller 2006). É verídico que a maior parcela da sociedade abandonou o patriarcado. Sierra (2004, p. 7) “Passamos então de uma sociabilidade familiar regida pela lógica da tradição para uma sociabilidade regida pelas leis” e, neste sentido vivenciamos as consequências, possivelmente a partir deste declínio como: fragilização das funções parentais e a tirania infantil.

São muitas crises contemporâneas que surgiram após o desmantelamento do patriarcado e não cabe a mim pesquisador julgar se este fato foi algo bom ou ruim para a sociedade, porem investigar e analisar tais fenômenos trazendo a reflexão sobre estes problemas é fundamental, principalmente para quem trabalha com crianças e adolescentes, a fim de vislumbrarmos sempre um futuro melhor.

Portanto indaga-se: A fragilização das funções parentais e a tirania infantil podem ser consequências que o declínio do patriarcado pode ter gerado nas relações familiares?

Então o objetivo geral desta pesquisa não é demonstrar um modelo ideal de formato familiar, e sim o de investigar a influência do declínio do patriarcado na sociedade atual e suas consequências.

Para tanto foram delineados os seguintes objetivos específicos: investigar de forma histórica e cultural como aconteceu o declínio do patriarcado; analisar as consequências na sociedade atual a partir do declínio do patriarcado.

Parte-se da hipótese que a ruptura da forma patriarcal de convivência familiar proporcionou muitas mudanças na sociedade e hipoteticamente esta ruptura trouxe uma espécie de confusão para grande parte da sociedade que ainda não absorveu estas mudanças e esta situação tem influenciado algumas crises que afetam diretamente as crianças e adolescentes.

Para o teste da hipótese, metodologicamente opta-se por realizar uma pesquisa com finalidade básica a fim de aprofundar o conhecimento científico sobre o tema, mas não tem a ambição de intervir no mundo real e o objetivo descritivo baseado em assuntos teóricos, com pesquisa em livros e trabalhos acadêmicos já existentes sobre o tema em questão utilizando a abordagem qualitativa e o pôr fim ao método hipotético dedutivo com procedimento bibliográfico e documental.

A investigação teórica foi desenvolvida num primeiro momento sob a ótica do processo histórico cultural da família patriarcal até chegar a seu declínio baseado em autores como: Almeida (1987), Áries (1991), Freire (1951, 1973), Lobo (2011), Madaleno (2011), Roudinesco (2003) e Samara (1997).

No segundo capítulo são apresentadas possíveis consequências do declínio do patriarcado que se dividem em; fragilização das funções parentais sob a perspectiva de Birman(2007), Corso (1993), Lebrun (2004), Marturano (2002), Melman (1999), Zanetti e Gomes(2014) e Roudinesco (2003). E tirania Infantil baseado em autores como; Bauman (1998), Calligaris(1996-2009), Kegler (2006) ,Urta (2006 – 2016) e Winicott(1999).

Ao final, conclui-se que os objetivos são atendidos e a pergunta respondida com a confirmação da hipótese, indicando que a sociedade passa por crises muito importantes, e especificamente não se tem o intuito de que o sistema patriarcal volte, mas é imprescindível que a sociedade principalmente escolas e famílias tenham uma atenção especial em condutas com as futuras gerações, principalmente quanto a impor limites, demonstrar bons exemplos e compreender que as frustrações fazem parte da vida criança para ela se desenvolver.

## **2 REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1 - Processo histórico cultural da família patriarcal**

Para iniciar a narrativa do processo histórico cultural da família patriarcal é pertinente citar um dos maiores clássicos sobre o tema. Gilberto Freire (2003) que pesquisou e relatou a história da sociedade brasileira no período da colonização, explicitando como a nossa família,

tanto no campo como na cidade, se formou a partir do regime patriarcal. Buarque de Holanda (1982) e Antônio Candido (1951) também descreveram o conceito de família patriarcal como o modelo das famílias de norte a sul do país, durante três séculos de sua história, seguindo as características com sistema hierárquico, autoridade paterna prevalecente, monogamia e indissolubilidade do casamento. Diante disso ainda Alves (2009) faz uma síntese contemplando a essência do sistema patriarcal;

Nesse contexto, desenvolveu-se uma estrutura social em que a família funcionava como um núcleo composto pelo chefe da família (patriarca), sua mulher, filhos e netos, que eram os representantes principais; e um núcleo de membros considerados secundários, formados por filhos ilegítimos (bastardos) ou de criação, parentes, afilhados, serviçais, amigos, agregados e escravos. No comando tanto do grupo principal como do secundário, estava o patriarca, responsável por cuidar dos negócios e defender a honra da família, exercendo autoridade sobre toda a sua parentela e demais dependentes que estivessem sob sua influência. (ALVES, 2009, p.2)

Há um porém neste conceito de família patriarcal apresentado por Freyre, Holanda e Candido. Pois Samara (1989) após apresentar diversas situações que demonstram a família patriarcal não sendo o único formato familiar, ou seja, parte da sociedade já não seguia as características mencionadas anteriormente em cerca de três séculos atrás. Ela desmistifica essa simplicidade da origem da família brasileira sendo exclusivamente patriarcal e chama a atenção dos especialistas em família para este detalhe “ a ênfase dada a família do tipo patriarcal ajudou a conceber o mito da mulher submissa e do marido dominador, que pode ser questionado através da análise do papel dos sexos, do casamento e do divórcio”.(pág. 36). Ela explica que a descrição das famílias extensas do tipo patriarcal de Freire foi predominante nas áreas de lavoura canavieira nordestinas, sendo inapropriadamente utilizada para as demais regiões, sem levar em conta etnias, temporalidades, grupos sociais, contextos econômicos regionais. Existiam na realidade variações de comportamento de acordo com os diferentes níveis sociais das mulheres. A própria natureza do sistema patriarcal e a divisão de trabalho entre o marido e a esposa criaram, de certo modo, condições para a afirmação da personalidade feminina, dada a sua influência direta junto à família.

Nessa trajetória teórica não podemos deixar de expor Philippe Áries (1978.) o qual anuncia, em seu livro História Social da Criança e da Família, essas transformações relações família/sociedade a partir de meados do século XVIII, na Europa, quando a sociedade começou a manter a família “à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona mais extensa da vida particular”. Essa transformação foi chamada de família nuclear e teve grande

importância no processo de formação da sociedade brasileira. Este tipo de estrutura familiar difere da tradicional família patriarcal, pois é composta apenas pelo núcleo principal representado pelo chefe da família (pai), sua esposa e os seus descendentes legítimos.

No decorrer da histórica brasileira, o início das transformações da configuração familiar patriarcal clássica para essa configuração mais moderna, denominada nuclear ocorreu a partir da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro e o início de uma vida social na Colônia. Almeida (1987,p.8-13). No final do século XIX, a influência da burguesia industrial europeia estaria contribuindo para a estruturação da família nuclear brasileira. O chefe da família cuidava dos negócios e tinha, por princípio, preservar a linhagem e a honra familiar, procurando exercer sua autoridade sobre a mulher, filhos e demais dependentes.

Retratando o final do século XVIII e início do século XIX, as vésperas da abolição da escravatura, Maria Odila(1989) retrata este período descrevendo as mulheres que assumiam o papel de homens, guerreiras e provedoras da casa. E tal descrição não ocorre baseada a normas sociais prescritivas, mas sim, normas sociais continuamente improvisadas no processo global de tensão e conflitos que compõem a organização das relações de produção, o sistema de dominação e de estruturação do poder . E Roudinesco(2003) também explica este fenômeno como irrupção do feminino e tal fenômeno inicia em 1821, “nos Princípios da filosofia do direito, que Hegel forneceu a melhor descrição da nova relação assim instaurada entre o indivíduo, a sociedade e o Estado.”(pag22) A partir daí a família se torna, ao lado das corporações, uma das estruturas de base da sociedade e o estado normatiza regras de conduta onde o pai, “se cometia erros ou injustiças, devia receber uma punição. É assim que a substituição do poder de Deus pai pelo do pater famílias abre caminho para uma dialética da emancipação cujas primeiras beneficiárias serão as mulheres, e depois delas as crianças. ”

Conforme Alves 2009 durante o século XIX, o desenvolvimento econômico no Sul do país provocado pela cafeicultura e alguns acontecimentos políticos importantes (Independência em 1822 e República em 1889), aliados à abolição da escravatura e à chegada de imigrantes, acentuaram o desenvolvimento urbano e a geração de papéis sociais informais, enfraquecendo o sistema patriarcal brasileiro e a sua rigidez, com as tarefas divididas entre homens e mulheres. Ocorre alguma inserção feminina nestes mercados, e as mulheres passam a exercer funções remuneradas combinadas às atividades domésticas. Ainda analisando o século XIX sob a obra de Dias (1984), é levantada a seguinte estatística, ainda que representada por papeis na informalidade e improvisados, composta em grande parte por escravas ganhadeiras, pardas e brancas pobres. :“Os próprios recenseamentos indicam que cerca de 35 a 40% assumiam o

papel de provedora do sustento de suas famílias” (apud Samara, 1989, p. 28). Porém, ainda a autora declara que tal crescimento econômico, mesmo com a participação feminina, surtiu outro fenômeno que ela denominou de “inchação da pobreza” (Dias, 1984, p. 16), o qual influenciou a transferência da mulher pobre dos centros da cidade devido à elevação do custo de vida para emergirem na periferia, “compondo as massas de mulheres desempregadas, ... [...vivendo precariamente dos expedientes de artesanato caseiro].” (Dias, 1984, p. 17)

Este momento de crescimento econômico possibilitou a aparição das mulheres no mercado de trabalho e conseqüentemente no cenário político. Safiotti entende que “a sociedade não está dividida em homens de um lado e mulheres subordinadas do outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres, e mulheres que dominam homens”.(apud SAMARA, 1989, P 31) E seguindo esta reflexão Freyre sugere que “a preferência pela mulher submissa foi ditada pelo desejo do homem de eliminar a sua concorrência no jogo econômico e político”( apud SAMARA, 1989, P 32). Portanto ao analisar os autores percebemos que ambos (Safiotti e Freyre) que na prática, Safiotti está correta e Freyre revela o consciente coletivo desta forma retratando a realidade que iniciou no fim do século XVIII e início do século XIX, porém ainda são análises que servem para retratar o que acontece hoje em 2021.

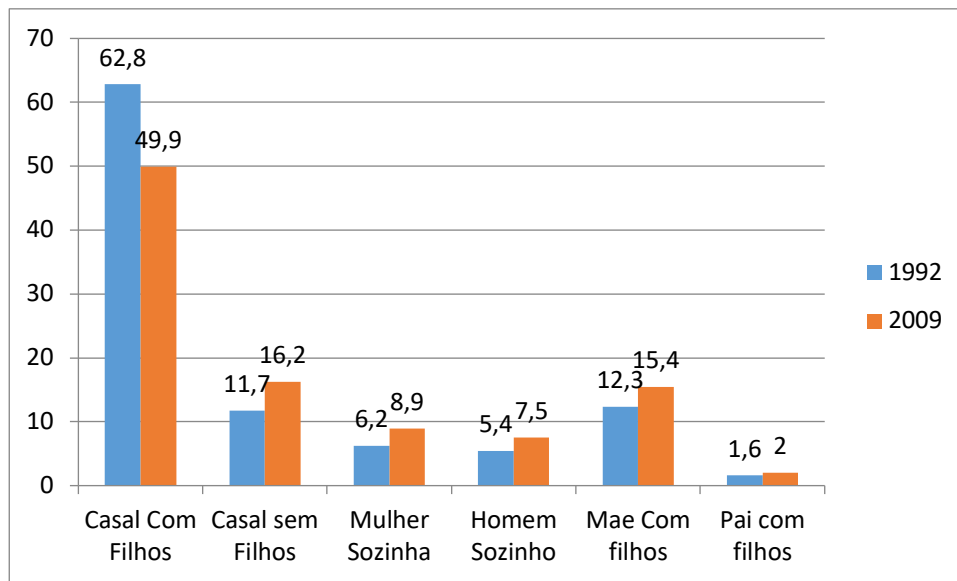
A transformação de sociedade rural, na qual predominava a família patriarcal e fechada em si mesma, para uma sociedade de bases industriais, mesmo que incipientes, com as suas implicações de mobilidade social, geográfica e cultural, acarretou transformações igualmente marcantes na estrutura do modelo tradicional de família.

Almeida (1987) explica que a partir da segunda metade do século XX em diante, outras transformações, mais radicais, aconteceriam: saída da mulher para o mercado de trabalho, a educação dos filhos, a impessoalidade nas relações sociais, o controle de natalidade e o enfraquecimento dos laços de parentesco são as grandes mudanças apontadas sobre a família moderna. Em todo o mundo, o conceito de família nuclear e a instituição casamento intimamente ligada à família se modificaram. A expressão mais marcante dessas transformações ocorreu no final da década de 60: cresceu o número de separações e divórcios, a religião foi perdendo sua força, não mais conseguindo segurar casamentos com relações insatisfatórias.

A partir daí, surgem inúmeras organizações familiares alternativas: casamentos sucessivos com parceiros distintos e filhos de diferentes uniões; casais homossexuais adotando

filhos legalmente; casais com filhos ou parceiros isolados ou mesmo cada um vivendo com uma das famílias de origem; as chamadas “produções independentes” tornam-se mais frequentes; e, mais ultimamente, duplas de mães solteiras ou já separadas compartilham a criação de seus filhos. Chegamos ao século XXI com a família pluralista, como tem sido chamada, pelos tipos alternativos de convivência que apresenta. A fim de ilustrar um pouco o surgimento destas organizações familiares segue a tabela abaixo:

Tabela1 – Estrutura familiar no Brasil entre 1992 a 2009



Fonte: IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios de 1992 e 2009. Elaboração IPEA.

Percebe-se que em 17 anos a partir de 1992 a família brasileira teve uma mudança significativa no que se refere aos costumes patriarcais. Diminuição dos casais com filhos e consequentemente aumento dos casais sem filhos, aumento do número de solteiros sem filhos também de mães e pais solteiros.

Pensando juridicamente no Brasil, e bem mais recente do que o processo histórico cultural citado anteriormente, basicamente três momentos são norteadores deste processo de grande impacto nas famílias brasileiras. (LOBO, 2011, p.17) afirma que a legislação civil brasileira tomou como modelo a família patriarcal tanto no Brasil colônia, como também no império e durante boa parte do século XX. Tal modelo entrou em crise e culminou com sua derrocada, no plano jurídico, pelos valores introduzidos na Constituição Federal de 1988.

A seguir, o segundo momento começa pela reivindicação da igualdade para as mulheres e foi refletida em mudanças legislativas significativas. Para exemplificar, constata-se o desaparecimento da figura do chefe de família no Código Civil de 2002 artigo 1.567. Homem e mulher são responsáveis pela proteção e educação dos filhos, e ambos têm os mesmos direitos e deveres.

E como terceiro momento, cito aqui a criação do bolsa família em 2003, e este marco transformou o modelo de Welfare State onde o estudioso dinamarquês, Gosta Esping-Andersen (2007) explica este processo baseado na figura masculina como homem provedor, e o termo familismo como sendo uma forma do estado estar abandonando a família com políticas de bem estar social:

Na sociedade pós-industrial, familismo torna-se contraproducente porque as mulheres têm redefinido o seu ciclo de vida, as famílias "atípicas" tornar-se o padrão e o homem provedor familiarizado não é mais uma garantia credível de um padrão de vida adequado. A maior ironia de tudo isso é que familismo agora se tornou um anátema para a formação da família. (ESPING-ANDERSEN, 2007, p. 13)

Em 2013 o programa Bolsa Família segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social demonstra que as mulheres representavam 93% do total de titulares do programa. Informação conforme o documentário dos jornalistas Obeid; Rached; Bonfim (2016). Com o benefício no seu nome e com a responsabilidade de sacar mensalmente o dinheiro depositado pelo governo federal, elas passam a ter poder de escolha e independência econômica em suas casas. Desta forma, pelo menos em parte quebrando o ciclo de familismo como explica Andersen (2007).

Este declínio do patriarcado está afetando diretamente a estrutura familiar, pelo fato de apesar da mulher estar contribuindo economicamente para a família, ela ainda é responsável por maior parte das atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. Segundo o IBGE (2013) apud Silva R, A & Silva S, G (2013), a média de horas gastas pelas mulheres em afazeres domésticos é mais do que o dobro da média de horas despendidas pelos homens. Em 2009, enquanto as mulheres ocupadas gastaram, em média, 22,0 horas semanais em afazeres domésticos, a média entre os homens foi de 9,5 horas.

Por outro lado, ainda que a demanda pelo compartilhamento de tarefas tenha sido amplamente mencionada pelas entrevistadas, é importante refletir até que ponto as mães realmente tornam possível este compartilhamento. Não se pode negar que muitas mulheres não conseguem se desvincular do modelo que lhes aprisiona, de mãe dedicada e principal responsável pelos filhos, ainda que se descubram sobrecarregadas com o cuidado das crianças e seu exercício profissional. Para muitas delas, conforme Reis (2010, p 118) “dividir essa função com o pai seria vivenciado como um poderoso abalo em sua identidade, algo que temem não suportar” (apud ARPINI E CUNICO, 2013, p. 46).

Apesar do grande aumento de famílias pluralistas, o maior número de famílias ainda é composta por casal com filhos. E após apresentar este quadro estatístico da família no Brasil percebe-se que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho demonstra que não foram desvinculadas das tarefas domésticas e cuidados com as crianças e idosos. As mulheres que assumem um espaço no mercado de trabalho continuam a desempenhar no âmbito familiar o papel de cuidadoras e mantenedoras dos cuidados da casa e da família. Os seguintes autores (Kehl, 2003; Pereira 2011; Reis, 2010), defendem que “o prolongamento da família nuclear dependia, sobretudo, do bom desempenho da mulher como esposa e mãe, ou seja, era a resignação histórica das mulheres que sustentava os casamentos”( apud ARPINI E CUNICO, 2013, p.31), e estatisticamente os índices estão diminuindo conforme dados de 2006 apresentados no estudo de (Leone; Maia; Baltar; 2010,p. 65) apontam 56,7 % o número de casal com filhos e três anos depois em 2009 na tabela 1 do presente artigo se constata a queda para 49,9%. Isto significa que a resignação histórica da mulher, citada por vários autores está perdendo as forças e o prolongamento da familiar nuclear claramente está em declínio.

Outro fator determinante que contrasta com o quadro exposto até aqui é a análise de Birman 2007 “as mulheres saíram de casa para ir em busca de um projeto identitário e singularizante, mas em contrapartida os homens não voltaram para compensar e equilibrar a ausência materna.”(pag57)

Também podemos analisar, a questão financeira, onde as famílias brasileiras sob essa nova nomenclatura “pluralista”, se apresentam com menor número de famílias estendidas/compostas, menos casais com filhos, e mais casal sem filhos, e mais arranjos familiares caracterizados como unipessoal masculino e feminino. Esses arranjos promoveram uma diminuição da fecundidade e também diminuição da pobreza. O arranjo familiar que apresenta maior concentração de pobreza no Brasil é o de mães com filhos, por outro lado



enquanto arranjo unilateral feminino ou casal sem filhos tem menor gasto e maior liberdade de tempo livre para dedicarem-se ao mercado de trabalho e estudos. A mãe solteira tem maior gasto com filhos e menor tempo para dedicar-se ao mercado de trabalho e estudos.

O que foi apresentado até aqui, demonstra que o sistema patriarcal teve séculos desde seu estabelecimento até situações como: saída da mulher para o mercado de trabalho, enfraquecimento dos laços de parentesco, aumento do número de separações e divórcios, promoverem seu declínio rapidamente. A forma como está estabelecida a família hoje teve mudanças rápidas e nos levam a crer que as mudanças no modelo de família estão gerando incertezas assim como quebras de paradigmas.

## 2.2. Possíveis consequências do declínio do patriarcado

Após a explanação do processo histórico cultural de como surgiu, ocorreu e fatores que promoveram ou estão promovendo ainda o declínio do patriarcado será abordado as possíveis consequências deste, na sociedade contemporânea como: A Fragilização das funções parentais e Tirania infantil.

### 2.2.1 Fragilização das funções parentais

(Roudinesco, 2003). Já no prefácio de sua obra faz um retrato da desordem familiar instaurada e consequências;

“Sem ordem paterna, sem lei simbólica..., a família se entregaria ao hedonismo, à ideologia do "sem tabu". Monoparental, homoparental, recomposta, desconstruída, clonada, gerada artificialmente, atacada do interior por pretensos negadores da diferença entre os sexos, ela não seria mais capaz de transmitir seus próprios valores... Daí a permanente evocação das catástrofes presentes e vindouras: os professores apunhalados, as crianças estupradoras e estupradas, os carros incendiados, as periferias entregues ao crime e à ausência de qualquer autoridade.”

Este trecho de Roudinesco(2003) retirado do prefácio, por isso não é referenciada a página, retrata com maestria a perspectiva deste trabalho e baseado nela, a seguir será delimitado o problema da fragilização das funções parentais.

Primeiro a luz da interpretação de Birman(2007) ao analisar a ausência da mãe no ambiente familiar, sacrificando-se em jornada dupla, trabalho/lar e conseqüentemente sofrendo grande desgaste de maneira a perturbar as suas relações tanto com o parceiro quanto com os filhos, culminou no desenvolvimento de um problema social que é a socialização primária e secundária que está ficando a cargo das instituições como creches e escolas. Sabendo que as entidades não estão preparadas para esta atribuição o autor cita “Parece-me, no entanto, que um novo pacto social entre a família e a escola será instituído no futuro”. (Birman, 2007, p. 57)

Porem enquanto este pacto não ocorre e a família não avança o campo das incertezas, muitos distúrbios estão se desenvolvendo já na infância, e assim o psicanalista afirma

Da síndrome do pânico às perturbações psicossomáticas, passando pelo incremento da irritabilidade, da agressividade e da violência, e chegando às depressões, o que está sempre em pauta é a desnarcização e a fragilização dos processos de simbolização (Birman,2006b.Apud Birman, 2007 p.58)

Continuando a análise da problemática “Fragilização parental” apresento aqui três pesquisas internacionais que identificam a falta de autoridade dos pais, começando pela pesquisa realizado na Austrália (Sanders & Woolley, 2004) Apud Zanetti e Gomes(2014)pag2 e nesta é defendida a ideia de que os pais que são mais permissivos com seus filhos, apresentam um sentimento de competência reduzido e que este sentimento corresponde a suas práticas efetivas. E nesse mesmo sentido nos Estados Unidos, Casas (2003) Apud Zanetti e Gomes (2014)pag.2, ao procurar relacionar comportamentos agressivos em crianças pré-escolares com o comportamento de seus pais, percebeu uma relação positiva entre comportamentos agressivos em crianças pequenas e um comportamento de culpa em seus pais. O mesmo, ressalta que estes pais se descreviam como permissivos e percebiam comportamentos de insegurança em seus filhos. E complementando este cenário um estudo em Hong Kong, por Pattie (2005) Apud Zanetti e Gomes (2014)pag3, destaca o comportamento ambivalente dos pais ao exercerem seus papéis e considera que isto se deve ao confronto entre ideais tradicionais, de autoritarismo e submissão, e os modernos de igualdade na família, diante do qual os pais se sentem confusos e em conflito.

Silva e Marturano (2002), ao analisar o trabalho dos autores Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989), CID-10 (1993), Brioso e Sarrià (1995), Sidman (1995), Conte (1997), Kaiser

e Hester (1997), Kaplan, Sadock e Grebb (1997), Ingberman (1997), Webster-Stratton (1997) e Del Prette e Del Prette (1999) identificou que todos

... apontam para a existência de uma ligação entre práticas educativas e comportamento anti-social dos filhos, à medida que as famílias estimulam estes comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança.” (Silva e Marturano ,2002, P 227)

Diante disso Silva e Marturano (2002, p. 234) concluem que é possível identificar os determinantes para os problemas de comportamento da criança, a partir da análise das “habilidades parentais”. E que são necessários programas de Intervenções com pais, com a finalidade de promover habilidades sociais educativas, e estes são imprescindíveis à prevenção e à redução de problemas de comportamento em crianças, de forma a evitar dificuldades escolares e de socialização na infância e, desta forma, também prevenir a delinquência juvenil. E ainda refletindo sobre a pesquisa de Silva e Marturano(2002) percebe-se que Habilidades estas(Habilidades sociais educativas), tanto no Brasil como em outros países demonstran-se confusas e em conflito ao se depararem com a ambivalência de qual sentido seguir. Demonstrar Autoridade sem autoritarismo, compartilhar sentimentos de igualdade ao mesmo tempo em que não se perde o respeito e disciplina.

Nesta confusão está a crise familiar explicada por Roudinesco (2003) pag 91, ao tentar prever qual será o futuro da família, esta autora analisa a desordem familiar e inicia a previsão com o casamento em constante declínio, e os filhos que cada vez mais são concebidos fora dos laços matrimoniais, ou seja, pais que já passaram por um divórcio e conseqüentemente muitas famílias se estabelecem como ditas monoparentais, compostas por mãe e filho(s). E finaliza que o princípio de autoridade que ela sempre se baseou está em crise e a figura perdida de Deus pai instiga a busca de todo ser humano a continuar formando a sua própria família pois mesmo em estado de desordem parece ser o único bem que ninguém quer renunciar.

Além deste aspecto da crise de autoridade, culturalmente modificado nas questões hierárquicas na família é pertinente expor aqui outros dois fatores que parecem nutrir-se do espírito confuso e indeciso instaurado em grande parte das famílias que contribuem para a fragilização das funções parentais como o aumento exponencial dos discursos especializados sob como educar as crianças, provocando ansiedade e indecisão nos pais, onde Lebrun (2004) apud Zanetti e Gomes(pág. 6) “acentua que o lugar central, que acabou tomando a ciência em

nossa sociedade, promove uma organização social sem referência e que progressivamente deslegitimou o argumento da autoridade do pai”. E o narcisismo estabelecido nesta geração de pais que buscam recuperar suas frustrações às custas dos filhos, projetando neles a possibilidade de reviver o próprio ego em alguém que nada falta e nada frustra.

Nesse final do século XX e início do século XXI, Prizskulnik (2002) afirma que a criança tornou-se o centro das atenções e a influência dos discursos especializados por este filhocrismo “podem interferir de tal maneira no relacionamento entre adultos e criança que acabam levando muitos pais a desconfiarem de sua competência para educar um filho e muitos professores a desconfiarem de sua competência para ensinar um aluno.” pag 15

E quanto ao aspecto narcisista dos pais contemporâneos atualmente percebe-se que o culto à infância vem adquirindo características extremas. Freud (1914/2010) “afirma que os pais desejam que seus filhos não tenham que cumprir as leis da natureza e da sociedade, que foram limitadoras de seu próprio narcisismo, com isso, a criança deve realizar todos os sonhos que não foram realizados por seus pais” (apud Bemgochea Junior & de Medeiros, 2017, p. 46)

E nesse sentido de cumprir as leis da natureza, Kegler 2006, faz uma análise a luz da abordagem de EHRENBURG, 2004 ao contrapor autonomia e disciplina e colocar a autonomia como palavra chave desta evolução social contemporânea “Nesta sociedade autônoma, não há mais regras claras a seguir ou modelos padrões de comportamento, pois cada indivíduo decide tudo sozinho, seguindo seus próprios valores e não mais de acordo com um valor socialmente compartilhado”(pag 13)

Apesar de ser um escrito antigo de Corso (1993), ela alia os dois problemas citados neste artigo com o termo “Parentalidade envergonhada”(apud Bemgochea Junior & de Medeiros, 2017, p. 52). O aumento exponencial dos discursos especializados e o narcisismo dos pais promoveu uma espécie de vergonha em não saber como lidar com os filhos. Para isso, Melman (1999) traz o pai dos dias atuais como uma figura bastante ridícula, que segue o discurso científico na educação dos filhos, onde o que é prometido é a felicidade plena.

E como um efeito cascata esta autonomia implementada como fenômeno social mencionado acima, acarreta a falta de grandes líderes e bons exemplos neste sentido Bauman (2001) afirma que

não há mais “grandes líderes” para apontar caminhos ao indivíduo, dizendo-lhe o que deve ser feito “e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos; no mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos” ávidos por “um exemplo a imitar

ou uma palavra de conselho sobre como lidar com seus problemas, que devem ser enfrentados individualmente e só podem ser enfrentados individualmente( Bauman, 2001, p. 38).

E Kamers (2013)apud Bemgochea Junior & de Medeiros (2017)pag 53 acredita ainda, que a autoridade paterna vem sendo cada vez mais substituída por peritos sociais, onde o saber social e institucional se sobrepõe ao parental. E Roudinesco (2003) no desfecho de sua obra menciona “diante do grande cemitério de referências patriárquicas desafetadas que são o exército, a Igreja, a nação, a pátria, o partido” pag 92.

Finalizando este capítulo, deixo a reflexão de que o sistema familiar patriarcal foi se desfazendo a medida que movimentos feministas foram avançando culturalmente, economicamente e juridicamente perante o Androcentrismo e tais avanços ainda não foram absorvidos pela sociedade. E refere-se aqui mais especificamente ao ambiente familiar que se demonstra confuso e fragil, onde tenta se reinventar diante de uma imensidão de informações sobre como educar os filhos, duvida em exercer autoridade aos filhos e a angustia de reviver o próprio ego não frustrando seus próprios filhos, estão promovendo o surgimento de uma geração hipersensível, que não sabem lidar com frustrações e pouca resiliência, tornando-se muito mais sujeitos de direitos do que deveres e conseqüentemente da origem ao fenômeno que será analisado no próximo capítulo “Tirania infantil”.

### 3.2.2 Tirania infantil

Até a alguns anos atrás, os filhos estavam sob a responsabilidade, proteção e cuidados dos pais. Por eles, eram educados, socializados, aprendiam como “viver a vida” com dignidade, honestidade e conduzir-se de forma inteligente pelos seus caminhos vindouros.

Para muitos especialistas como, psicólogos, pedagogos, sociólogos liberais, os pais eram dominadores, tiranos e subjugavam os seus filhos, impondo-lhes castigos físicos e morais. É verdade que muitas famílias extrapolavam os limites dando moral para os especialistas, mas não era a regra geral. Pelo contrário, tínhamos mais famílias formadoras de pessoas honestas e cultas, em comparação com grande parcela das de hoje, que tem gerado filhos ingratos, drogados, rebeldes, ignorantes e alienados; indignos e incapazes de serem bons cidadãos.

Este quadro exposto no início do capítulo demonstra um pouco da realidade a que este trabalho se sensibiliza e a seguir será exposto alguns referenciais sobre este fenômeno chamado de tirania infantil.

No jornal a folha de são Paulo em 2009 na coluna de Calligaris, este mencionava com espanto o número de famílias cadastradas para o programa super nanny. Onde 30.000 famílias brasileiras demonstram o desespero em não saber como lidar com seus filhos e se cadastram a fim de pedir ajuda.

A tirania infantil é decorrente da fragilização parental, principalmente pela crise de autoridade e é um fenômeno associado ao Narcisismo dos pais que viveram o sistema patriarcal baseado no Androcentrismo e migraram para o Filhocentrismo. Como afirma Bauman (1998) “enquanto no começo da modernidade predominava o excesso de ordem e a escassez de liberdade, na contemporaneidade, ou modernidade tardia, usando aqui a expressão de Giddens, estamos assistindo a um excesso de liberdade e a uma fragmentação da ordem patriarcal.” (Apud, OLIVEIRA, 2018 p. 86)

A expectativa pelo filho perfeito, que irá realizar todos os desejos que não foram realizados pelos pais, aparece como um sintoma bastante atual. Para Monti (2008)

... essa cultura da infância, na maioria das sociedades avançadas, resvala cada vez em direção a um verdadeiro culto da infância, marcado por uma extraordinária valorização da vida infantil. Poderíamos nos perguntar, retomando os termos da reflexão freudiana: será que a criança se tornou realmente “sua majestade, a criança”? Não é raro acontecer que em nossos ambulatórios encontremos pais tratados de maneira tirânica por suas crianças. Por crianças que não são soberanos bem-aventurados, mas que, ao contrário, exercem um poder quase sádico sobre seus pasmados pais. (Monti, 2008, p. 244)

É perceptível que um dos grandes gatilhos para o estabelecimento deste fenômeno da tirania infantil é o trabalho inconsciente que os pais realizam para não permitir que seus filhos vivenciem situações de frustração. A criança tirana tem suas crises cada vez que se depara com uma situação frustrante. Neste sentido, Brum (2011) “ É como se os filhos nascessem e imediatamente os pais já se tornassem devedores. Para estes, frustrar os filhos é sinônimo de fracasso pessoal”. Ela ainda denomina a nova de geração de “eu mereço”, e apesar de possuir habilidades e ferramentas não possuem capacidade de lidar com a dor e as decepções por já se acharem merecedoras do que ainda não conquistaram.

É muito oportuna nessa pesquisa salientar as informações provenientes do pedagogo espanhol autor dos livros “O pequeno ditador 2012” e “O pequeno ditador cresceu (2016)”, que admite estarmos vivendo uma pandemia. Javier URRÁ em entrevista para o observador (2016) cita cinco características de uma criança tirana:

1 . Tudo gira a volta deles;

“O excesso de preocupação dos pais em relação aos filhos é um problema. Cerca de 40% dos pais e mães espanhóis não sabem como agir com os filhos. Cerca de 8% são agredidos pelos filhos, os filhos não entendem a relação edipiana com as mães. A mãe ensina que o mais importante da casa é o filho e não o casal e isso é um erro. A criança é apenas mais um. “O Pequeno Ditador Cresceu, página 59.

## 2. Têm demasiada liberdade;

“ Uma sociedade permissiva que educa os filhos nos seus direitos e não nos seus deveres produz filhos tiranos. Introduziu de forma equívoca o lema ‘não pôr limites’ e ‘deixar fazer’, abortando uma correta maturação. Para ‘não traumatizar’ fazem cedências, permitem-lhes e oferecem-lhes tudo. Existe hoje em dia uma falta total de autoridade dos pais em relação aos filhos. ” O Pequeno Ditador Cresceu, página 42.

## 3. Faz birra intencional;

“O seu comportamento colérico, para lá da simples convulsão, faz temer uma adolescência conflituosa e talvez contribua para aumentar um problema social sério: a violência juvenil. ” O Pequeno Ditador Cresceu, página 56.

4. Dão ordens aos pais e são insensíveis; são crianças caprichosas, que não conhecem limites e até dão ordens aos pais e chantageiam todos aqueles que se metem no seu caminho. Além de quererem ainda ser constantemente o centro das atenções, são desobedientes e apresentam uma grande insensibilidade emocional.

## 5. Não sabem aceitar a frustração –

“Há que ensinar os filhos a aceitar as situações que nos incomodam e desgostam, a conviver com alguns fracassos. O êxito é efêmero. A felicidade completa não se pode atingir. (...) aceitar e enfrentar frustrações forja uma personalidade mais sã, equilibrada e madura. ” O Pequeno Ditador Cresceu, página 147

As crianças precisam ter uma referência a qual objetivo a seguir, e de preferência que família e escola falem a mesma língua, pois como afirmou Aristóteles “Se há um fim absoluto, será esse o que estamos procurando; e se há mais de um, o mais absoluto de todos será o que estamos buscando” (ARISTÓTELES, 2010, p.25).

A fim de concluir este capítulo irei aqui mencionar três passagens da obra de Winnicott (1999) e a primeira já na introdução de seu livro, este direciona aonde quer chegar,

“O propósito das conversas que compõem este livro não foi dizer aos pais o que fazer, mas desintoxicá-los da ciência da criação dos filhos, incutir-lhes confiança quanto ao que estão fazendo e permitir que dispensassem o auxílio individualizado ao depararem com um obstáculo no cuidado com os filhos. Enfatiza o instinto dos pais para fazer a coisa certa, aliado à inevitável culpa e à ambivalência que fazem deles os pais sensíveis que são”

A segunda em relação a comportamentos de agressão e teimosia em crianças têm dois significados: "Por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração. Por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo" (p. 102). E "crianças saudáveis necessitam de pessoas que continuem exercendo o controle, mas a disciplina deve ser proporcionada por alguém que possa ser amado, odiado, desafiado e que possa ser dependente".(pag.107)Diante destes três trechos da obra prima de Winicott percebemos que é tarefa dos pais e dos professores cuidarem para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle ou, por medo, assumirem elas próprias a autoridade. E diante deste quadro estabelecido é que surge este fenômeno de crianças tiranas e que pais não podem delegar a socialização primária e secundária para as escolas e creches assim como Birman(2007) já mencionado aqui neste trabalho, está prevendo. O professor como responsável em sua segunda casa tem a responsabilidade de ser uma autoridade, mas a autoridade máxima sempre serão seus pais.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como aluno do curso de Políticas de Atenção a Crianças e Adolescentes em Situação de Violência, teria muitos temas para representar no trabalho de conclusão de curso, porém além de pai de três filhos e professor de ensino fundamental, empiricamente percebia a falta de autoridade dos pais e professores no meu entorno, e fazia minhas reflexões sobre como as crianças das novas gerações apresentavam com mais frequência condutas de comportamento que na minha época de criança eram raras, como desrespeito a pais e professores e pouca determinação para finalizar projetos. E quase todos os assuntos debatidos em aula me levavam a comparar com esta realidade que parecia ser uma espécie de base para os demais.

Portanto analisar o tema com mais profundidade e princípios científicos foi muito enriquecedor e diante de tudo, conjectura-se que comportamentos de indisciplina, tirania ou agressividade, que desafiam a autoridade, vinculam-se ao fenômeno de "fragilização das funções parentais" à medida que, quando em excesso, podem refletir a dificuldade que essas crianças estão tendo para lidar com seus impulsos. Ou, em outras palavras, quando não podem contar com pais "confiantes e fortes" que as ajudem nesta tarefa. Força e confiança ausentes provavelmente ocasionada pela invasão dos discursos especializados, que conseqüentemente derivaram da mudança de sociabilidade familiar regida pelas tradições familiares para uma sociabilidade regida pelas leis constitucionalmente aplicadas e diante de tudo isso surge o termo "Parentalidade envergonhada"(Corso,1993) que é representada por pais confusos onde



aparentemente procuram ser bons pais , porem se perdem diante de tantas informações e não seguem sua própria tradição familiar.

Também foi observado que a questão da resiliência está atrelada a baixa capacidade de lidar com as frustrações e a continua sensação de que tudo se resolve rapidamente, sensação esta propiciada pela aura do filhocentrismo instaurada onde os pais estão sempre a postos, a fim de satisfazerem seu complexo narcísico.

Este trabalho se propôs a investigar a influência do declínio do patriarcado em nossa sociedade e a grande mudança está sendo refletida nas crianças de hoje. Crianças estas, que anseiam por limites “...as crianças pequenas gostam que lhes diga não.” (Winicott 1999, p. 58) disciplina e bons exemplos que norteiem seu modo de ser. Ou seja, estarem isentas de situações de frustração e ter a falsa sensação de felicidade plena é o caminho para uma geração hipersensível e ansiosa.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. M. de. **Notas sobre a família no Brasil**. In: ALMEIDA, A. M. de (org). Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- ALVES, R.R. **Família Patriarcal e Nuclear**: Conceito, características e transformações. II seminário de pesquisa da Pós-graduação em história UFG/ UCG. Goiás, 2009.
- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. Editora Guanabara 1978- Primeira edição Brasileira.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4.ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.
- ARPINI, D.M ; CÚNICO, S.D. **A Família em Mudanças**: Desafios para a Paternidade Contemporânea. Pensando Famílias, 17(1), 28-40. 2013
- BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEMGOCHEA JUNIOR, D., & de Medeiros, M. . **Meu filho não merece sofrer**: o narcisismo parental na contemporaneidade. Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise. ISSN 2175-7291, 9(1). 2017 Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/leituraflutuante/article/view/32800/23325>
- BIRMAN, Joel. **Laços e desenlaces na contemporaneidade**. J. psicanal., São Paulo , v. 40, n. 72, p. 47-62, jun. 2007 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352007000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 maio 2021.
- BRUM, Eliane. **Meu filho você não merece nada**. Revista Época, 9 ago. 2011. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00-MEU+FILHO+VOCE+NAO+MERECE+NADA.html> Acesso em: 3 maio. 2021.
- CALLIGARIS, Contardo. **Essas crianças que amamos demais**. In: Crônicas do individualismo cotidiano. São Paulo : Editora Ática, 1996, p. 215-221.
- CALLIGARIS, Contardo. **Tiranía Infantil**. Folha de São Paulo Ilustrada. 12/02/2009 [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1202200929.htm#:~:text=1\)%20A%20tiranía%20infantil%20%C3%A9,vida%20que%20importa%3A%20a%20nossa](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1202200929.htm#:~:text=1)%20A%20tiranía%20infantil%20%C3%A9,vida%20que%20importa%3A%20a%20nossa). Acesso em 04/02/2021.
- CASAS, J.F. . **Early parenting and children’s use of relational aggression in preschool**. Dissertation Abstract International Section B: The Sciences and Engineering, 2003. 63 (10-B), 4940.
- COSTA, J. F. **Ordem Médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal. 1983.
- CUNHA, M.V. . **A desqualificação da família para educar**. Cadernos de Pesquisa, 1997, 46-64.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo – Século XIX**. São Paulo: Braziliense ,1984.

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª. ed. Recife- Pernambuco 2003, p.3- 87.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo** [1914]. In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914/1916]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-50.

IBGE: **Síntese de Indicadores Sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica. IBGE, 2013

KEGLER, Paula. **As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica**: novas configurações subjetivas na contemporaneidade. Santa Maria, UFSM, 2006. Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentada à Coordenação de Graduação em Psicologia.

LEBRUN, J-P. **Um mundo sem limite**: Ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LOBO, Paulo. **Direito Civil**: famílias. 4º Edição. São Paulo. Saraiva, 2011.

MADALENO, Rolf. (2011) **A desigualdade conjugal do código civil**. Revista do Advogado: Família e Sucessões. São Paulo. Ano 31, n. 112, p. 151-161, jul. 2011.

MAGALHÃES, Maria C. R. **Narcisismo primário e o desejo**, Revista de Psicanálise, n.17, v.178, junho, 2004, p.52-61.

MARQUES, A, C. **5 sinais de que o seu filho é um pequeno ditador**. Observador. 10/02/2016 <https://observador.pt/2016/02/10/5-sinais-filho-um-pequeno-ditador/> Acesso em 05/02/2021

MELMAN, Charles. **Sobre a educação das crianças**. In CALLIGARIS, Contardo (org). Educa-se uma criança? Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 31-40.

MONTI, Mario Rossi. **Contrato narcisista e clínica do vazio**. Rev. latinoam. psicopatol. fundam. , São Paulo, v. 11, n. 2, pág. 239-253, junho de 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-47142008000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142008000200006&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 03 de maio de 2021

Narvaz e Koller (2006). **Famílias e patriarcado**: da prescrição normativa à subversão criativa. Psicologia & Sociedade. Pag 49-55 jan/Abril 2006

OBEID, C; RACHED, Manuela; BONFIM, R. **Libertar** – Relator de Guaribanas do Bolsa Família. Documentário disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RTSXuuSeNV0> Acesso em 08 fev, 2021.

OLIVEIRA, Edson Santos de. **Fundamentalismo religioso**, narcisismo negativo e desamparo: algumas reflexões. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 40, n. 75, p. 83-90, jun. 2018 . Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952018000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 maio 2021.

PRISZKULNIK, L. **A criança que a psicanálise descortina**: Algumas considerações. In: D. De Rose Júnior (Org.), Esporte e atividade física na infância e na adolescência: Uma abordagem multidisciplinar (pp. 11-23). Porto Alegre: ArtMed. 2002

- SIERRA, V. M. **A judicialização da infância**: o processo de implantação e execução do Estatuto da Criança e do Adolescente nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Maricá. Tese de doutorado. Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2004
- SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**. São Paulo: Marco Zero e Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SANDERS, M.R. & WOOLLEY, M.L. **The relationship between maternal self-efficacy and parenting practices**: Implications for parent training. *Child: Care, Health & Development*, 31(1), 65-73. 2004
- ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20, 71-99, 1995.
- SILVA, Alessandra Turini; MARTURANO, Edna Maria. **Práticas educativas e problemas de comportamento**: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 7, n. 2, pág. 227-235, julho de 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000200004&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 03 de maio de 2021.
- Silva R,A & Silva S,G. **A democratização da família**: substituição da hierarquia familiar pela paridade nas relações conjugais e suas implicações para a família brasileira contemporânea. *Revista Eletrônica do Curso de Direito – UFSM*, 2013,
- URRA, Javier. **O pequeno ditador cresceu**, Pais e filhos em conflito. Edt Saraiva, 2016
- XAVIER, E. **Declínio do patriarcado**: a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.
- WINNICOTT, D.W. **Conversando com os pais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; GOMES, Isabel Cristina. **Relação entre funções parentais e o comportamento de crianças pré-escolares**. *Bol. psicol, São Paulo*, v. 64, n. 140, p. 1-20, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432014000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432014000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 maio 2021.